

O RETORNO DE LILITH NO CORPO DAS MULHERES MODERNAS: O FEMININO ARCAICO RE(PRESENTADO) NOS SINTOMAS DA TENSÃO PRÉ-MENSTRUAL

Suzana Alves Viana

Psicanalista, prof. Dr. Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

Início este trabalhoso, abrindo como questão a insustentável leveza da interioridade do homem moderno e ao longo do texto descrevo um projeto de pesquisa que, através da mulher, problematiza o Feminino, enquanto possibilidade de uma interioridade densa.

O mais atual, o mais moderno não é necessariamente o mais profundo. .

Na cultura moderna, o império da imagem não permite que se transcenda a superfície da tela.

Baudrillard ao tratar o tema afirma:

“Toda nossa realidade se tornou experimental. Na ausência de destino, o homem moderno está entregue a uma experimentação sem limites sobre si mesmo”.

O contexto em que o articulista discute tem como campo duas ilustrações recentes: o programa Loft Story, da ilusão da realidade ao vivo na mídia (programa transmitido pelo canal de TV francês M6, que mostra o cotidiano de onze jovens vivendo em um loft) e Catherine Millet, ou seja, da ilusão fantasmática do sexo ao vivo (a própria é autora de “La vie sexuelle de Catharine Millet, em que descreve encontros sexuais que manteve com centenas de anônimos. Seu companheiro, Jacques Henric, lançou o livro de fotos “Legendes de Catherine M.”, em que retrata a escritora nua e lhe vota sua admiração, citando Espinoza, Bataille etc.).

Tais referências não constituem a essência do assunto, porque sua utilidade reside em ser ilustrações da problemática paradoxal em que vivemos, sufocados pela necessidade de singularidade num meio que é empurrado para ser só imagem, aparência destituída de corporeidade

“Há duas maneiras de desaparecer”, diz o autor “ou exigimos não sermos vistos (...) ou caímos no exibicionismo delirante de nossa nulidade. Tornamo-nos nulos para ser vistos e considerados como nulos- proteção definitiva contra a necessidade de existir e a obrigação de ser” (grifos meus).

Contrapondo essa “exigência” de desaparecimento do sujeito, que se anula ao existir só na imagem , tomo Winnicott, na medida em que, como psicanalista, devotou grande atenção à questão do corpo, através de pensá-lo como o “habitat” da psique.

O que me interessa é colocar em cena a corporeidade em contraponto à imagem.

Para Winnicott a integração da psique no soma é um processo, ou seja, não está dado, podendo acontecer, inclusive, períodos onde a psique perde o contato com o corpo Personalização é um conceito que Winnicott usa para descrever a trama psicossomática, ou “a psique residindo no soma”. Davis e Wallbridge chamam-nos atenção para o fato de que Winnicott percebeu a trama psicossomática como realização. Realização implica em processo, um acontecer no tempo.

Realização é também uma palavra que implica o real, no sentido de que envolve um acontecimento que se realiza como fato, mas é justamente a dimensão da duração que lhe confere consistência.

No texto Transtorno (disorder) Psicossomático, Winnicott fala-nos sobre o desenvolvimento do psique-soma, como uma tendência que o indivíduo herda, cuja meta é chegar a uma

unidade da psique e do soma, uma unidade experiencial da psique e da totalidade do funcionamento físico.

O “EU SOU” corresponde a este funcionamento harmônico entre soma e psique.

O EU SOU , ou integridade psicossomática significa a conquista da “morada” da psique no soma ou vice-versa.

Bela imagem para uma metáfora que contemple por contraponto a cisão entre o sujeito e sua simultânea anulação, quando se faz sujeito apenas na imagem, quando “ mora” na imagem .

Aqui cabe um comentário de Masud Khan sobre Winnicott.

“Iniciei, deliberadamente, definindo Winnicott na sua presença corporal, porque não se pode começar a entender o seu talento como clínico, se não estivermos cientes de que, nele, psique e soma viviam em perpétuo diálogo e debate, e suas teorias são abstrações do constante happening que era Winnicott, o ser vivente e o clínico. E, aqui, mais uma vez, Winnicott, o homem, e Winnicott, o terapeuta, eram seres recíprocos e harmoniosos”.

A corporeidade, como se pode pensar a partir desse comentário de M. Khan , implica profundamente o sentido de presente, enquanto presença, ser presença. O real é portanto presença, o que implica uma dimensão corporal ao ser.

A exploração da realidade, no sentido da experimentação exacerbada da mesma, através do vídeo, onde esta perde sua condição simbólica ... produz, segundo Baudrillard , a pior obscenidade dos tempos atuais, qual seja a participação forçada e a cumplicidade automática do espectador .

O servilismo das vítimas é o objetivo da operação.

“A corrupção do poder é inscrever no real tudo o que era da ordem do sonho...”⁷

De acordo com o pensamento de Winnicott, isto significa perder o espaço da transicionalidade, espaço do sonho, necessário à constituição de um sujeito potencialmente sadio.

A idéia de desenvolver uma pesquisa sobre o Feminino instala-se nesta perspectiva, qual seja, através do corpo da mulher, marcado pela ausência do pênis, reinterpretar a ausência como continente vazio, espaço disponível para a interioridade. O Feminino é a via de construção da singularidade, na medida em que impõe ao homem e à mulher, a tarefa de transcender ao aparente, ao visível para projetar-se num plano em que se está em permanente procura.

“Não aprendemos nada com mais dificuldade do que o livre uso do que é nacional. ... Mas aquilo que nos é próprio precisa ser aprendido tão bem quanto aquilo que nos é estrangeiro”⁸.

À moda de um de flash sonoro trago o que está sendo esta pesquisa:

A mulher contemporânea parece ter perdido sua outra metade.

Às vezes, se confunde com um objeto a ser olhado e admirado pelo outro,... o sentido de seu corpo escorre pela superfície exposta na vitrine.

Outras mulheres correm apressadas, têm a agenda lotada, investem no mercado profissional, na família, maridos e filhos, andam sempre tão ocupadas, são densas..., tão tensas.

Corpo para malhar, corpo talhado para o traje que as executa na função.

Onde anda a fêmea, cuja animalidade estava ali, no cio, cheiro - perfume exalado de sua superfície, através da pele enorme, preenchendo cada uma de suas curvas?

Liliths de outrora, Sofias de agora.

Sempre pela metade.

Hemicrania.

A dor que anuncia escandalosamente uma das metades, deixando a outra no escuro,

invisível, supostamente inexistente.

O período da tensão pré - menstrual é vivido como um desconforto para a mulher : agressividade, depressão, dor de cabeça são sensações comuns. Mas, não só o negativo desanima o corpo da mulher . Algumas ressaltam também a intensidade do desejo e do prazer sexual, mais forte e mais “selvagem” do que no restante do ciclo.

Baseando-nos nestas manifestações, levantamos a hipótese de que a T.P.M. possa representar, ainda que no sintoma, a expressão do feminino mais arcaico em confronto com o estreito espaço de manifestação que a organização da cultura ocidental permite à expressão do primitivo.

O desenrolar desse pensamento levou-nos à elaboração de um trabalho que busca o arcaico e para isto procura no corpo das Sofias, a parte racional da mulher, os vestígios de Lilith, a representante de uma sexualidade selvagem e primordial.

O método usado tem sido o de entrevistar mulheres com T.P.M. que apresentam também dor de cabeça. Para ampliar, conhecer e melhor circunscrever nosso campo de investigação temos entrevistado também homens e mulheres que têm dor de cabeça crônica.

Entrevista realizada com Lea:

Léa tem 45 anos e começa a entrevista, dizendo que está “amadurecendo”, uma alusão a estar envelhecendo, à menopausa.

Sente dor de cabeça, quando come algo que não faz bem, às vezes quando está nervosa, quando levanta “azedada”, mas também ocorre, quando nada de especial aconteceu. A dor de cabeça começou na sua adolescência.

Não pode comer ovo frito, mas adora.

A dor , quando é muito forte leva-a a vomitar. Aí se alivia.

A dor parece que vai romper a cabeça.

Quando lhe é perguntado sobre o seu lazer, ri, irônica e pergunta:” quê lazer” ?

Lea trabalha o dia inteiro: das “ 7 às 7”, diz ela. Como profissional dedica-se a cuidar do outro. Quem a conhece gosta muito dela, é divertida, bem humorada e extremamente atenciosa , quando cuida de alguém, particularmente quando a pessoa está doente.

Tem um casal de filhos, mas não tem marido, cria-os sozinha.

Há 3 anos não tem nenhum tipo de relação amorosa: “ não namoro há três anos”, “ fico olhando de longe”. Relações sexuais, quando existiam eram maravilhosas, atualmente não está sentindo nenhuma falta.

Sente mais falta de transar quando está próxima de menstruar, e também logo depois da menstruação ; todo o período é acompanhado por depressão e irritação.

Nesses períodos, quando vê um casal se beijando, revolta-se, sente que a estão provocando Sente-se mais mulher quando está para menstruar, é maravilhoso, mas depois “ estou cheia de dores”.

Compara a dor do parto à dor de cabeça.

O romper.

Ressalto o que nos chama atenção na fala de Léa : o prazer mais intenso junto ao período menstrual, quando após o prazer está cheia de dores, uma intensa ocupação - trabalha das 7 às 7 e, apesar do pouco prazer que usufrui em seu cotidiano, é divertida e bem humorada. Na TPM, a irritação vive dentro dela, enquanto no lado de fora, dissociada, escapa da mesma cuidando do outro (Outro) doente.

Olhemos a relação de Lea com o próprio corpo.

“Adoro comer ovo frito”, esta é uma expressão carregada de um prazer, derivado do prazer que se banha no erotismo do ato de mamar. Os prazeres relacionados à boca, ao

anus, à vagina, à pele são as formas primeiras da constituição do erotismo e nos marcam profundamente.

Mas diria que para Lea “comer” o prazer faz mal.

A sociedade, característica da cultura de cada povo, é uma construção destinada a organizar, controlar e proteger o Homem da sua dimensão impulsiva. Essa forma de proteção pode ser mais ou menos repressora, dependendo do temor que esses impulsos provocam. As culturas que se fundamentam na religião Islâmica são mais repressoras com a mulher (lembremos da mulher no Afeganistão), mas isto talvez revele, dentre outras coisas, que a mulher oriental tem uma relação mais natural com a sua sensualidade do que a mulher ocidental. A mulher ocidental é vítima do culto à cabeça e à imagem.

A natureza é daimônica (e o sexo é um sub-conjunto dela). É uma força incontrolável e, muitas vezes, perturbadora para o Homem. O daimônico refere-se ao irreduzível da natureza. Camille Paglia , em *Personas Sexuais* escreve:

“O corpo de toda mulher contém uma célula de noite arcaica, onde todo conhecimento deve parar. Esse é o profundo significado por trás do strip-tease, uma dança sagrada de origens pagãs que, como a prostituição, o cristianismo jamais conseguiu liquidar. As danças eróticas dos machos não são comparáveis, pois uma mulher nua leva para fora do palco uma ocultação final, aquela escuridão ctônica da qual viemos”.

Continuando, diz:

“Toda mulher menstruada ou grávida é uma pagã e primitiva, lançada de volta às distantes praias oceânicas das quais jamais evoluímos inteiramente”.

Elegemos o mito de Lilith para falarmos do arcaico na mulher.

Lilith é uma lenda, que pertence à grande tradição dos testemunhos orais. Parece ter sido perdida ou mesmo removida no momento da transposição para as versões sacerdotais mais recentes.

Segundo Graves e Sicuteri , Lilith teria sido a primeira mulher de Adão, feita de saliva e sangue, como pode-se ler nas palavras de Beresit-Rabba:

“R. Jehudah em nome do Rabi disse: No princípio a criou, mas quando o homem a viu cheia de saliva e sangue afastou-se dela, tornou a criá-la uma segunda vez, como está escrito: “Esta vez. Esta e aquela da primeira vez”.

Em Graves encontramos uma outra passagem da criação de Lilith : “Deus então formou Lilith, a primeira mulher, tal como havia formado Adão, só que usou terra suja e sedimentos em vez de puro pó.”

Esta interpretação “faz” Lilith de um material inferior a Adão.

Na lenda , Lilith recusa a posição deitada por baixo no ato sexual e diz a Adão que é sua igual. Como este continua lhe exigindo que se deite por baixo, fica enfurecida, profere o nome mágico de Deus (o nome que não podia ser pronunciado). Depois, ergue-se no ar e o deixa. Lilith vai para o Mar Vermelho, uma região repleta de demônios lascivos, dos quais ela teve lilim em um número superior a cem por dia. Passa a ser associada às criaturas demoníacas. Para Sicuteri , Lilith e Eva são uma condensação de duas experiências: a do conhecimento carnal, censurada e removida e sua contrária, a experiência que exprime a aceitação da companheira, através de uma imagem “boa” e externa, aquela que é mais agradável ao Pai e a Lei, mas que será também esta, inexoravelmente, fonte de pecado.

Através do mito de Lilith, expusemos o mundo interior ctônico que compõe a natureza da mulher, mais do que do homem talvez, pelo fato de que seu corpo biológico está atrelado à sua missão reprodutora, sendo que nele se repete mensalmente todo o ciclo da vida

A TPM condensa em seus sintomas manifestos a natureza ctônica da mulher, ao mesmo tempo que expressa na dor de cabeça a exigência de racionalidade a que essa mulher é submetida, uma vez que o “ambiente ecológico” cultural das sociedades ocidentais não consegue prover as condições necessárias para que a integração do psique - soma prossiga sem dissociação.

Nas entrevistas que temos realizado e também nos casos que seguimos em análise, encontramos situações clínicas que nos remeteram à Winnicott .

Em particular dois aspectos: um excessivo trabalho mental e um terror do desamparo, que se manifesta, através de seu contrário: a manutenção de uma independência, garantida pelo recurso à intelectualização/ racionalização.

Reporto-me à teoria de Winnicott sobre a mente.

Quando o psique-soma ou esquema corporal atravessa satisfatoriamente os estágios mais antigos do desenvolvimento, a mente não existe como uma entidade em separado, sendo apenas um caso especial do funcionamento do psique-soma.

Psique e mente não se diferenciam. A psique significa a elaboração imaginativa de partes, sentimentos e funções somáticas, isto é, a vivência física.

Joseph Campbell, no mesmo sentido, compreende a mitologia como uma função biológica, “um produto da imaginação do soma” . Para Keleman o corpo é dado e o mito é dado a partir do corpo

Winnicott observa que construiu uma teoria sobre a mente, através de pacientes em análise, que regrediram a um nível bastante primitivo de desenvolvimento na transferência. Dou ênfase a este aspecto, porque ele indica, a meu ver, que só através de uma regressão profunda podemos alcançar o nível de dependência e de terror, frente ao desamparo que esses pacientes experimentam.

Voltando a Winnicott.

Para que haja um desenvolvimento saudável do psique-soma é preciso que o ambiente, faça uma adaptação ativa às suas necessidades e desejos, criando, inclusive, a sensação de uma onipotência saudável que o faz acreditar ser capaz de criar o objeto do qual necessita.

Quando o ambiente é eficiente, neste sentido, permite que o bebê apenas seja.

Um ambiente que não é perfeito representa uma invasão para o bebê e solicita do mesmo uma reação. Essa reação implica que, muito precocemente, foi exigido dele uma ação e que, então, saísse de um estado de “apenas ser “, para ter que se ocupar de alguma coisa que o ambiente falhou em atender.

A necessidade de um ambiente bom é inicialmente absoluta., depois se torna relativa. A mãe comum é suficientemente boa. Na medida em que a mãe falha, o bebê compensa sua deficiência através da atividade mental. Portanto, Winnicott está apontando que, desde o início, a atividade mental nasce do vazios deixados pela imperfeição da mãe. Em outras palavras, o pensar, enquanto atividade mental, nasce de frustrações que a mãe não pode evitar, mas que são proporcionais à capacidade de compreender do bebê. Nesse contexto é que Winnicott conjectura sobre sua teoria da mente.

A mente encontra suas fundações em um fracasso materno, maior do que possível, ao bebê, compreender. Isto conduz a um funcionamento variável do psique-soma (bebê),que reage, mimetizando na mente os cuidados da mãe. Começa a criar os mecanismos de controle, como forma de auto-proteção.

Certos tipos de fracasso materno, em especial um comportamento irregular conduzem a uma hiperatividade do funcionamento mental .

E aqui encontro uma observação que me é muito valiosa, em função das ressonância que encontro na clínica dos pacientes desta pesquisa.

“No crescimento excessivo da função mental como reação a uma maternagem inconstante, vemos que é possível o desenvolvimento de uma oposição entre a mente e o psique-soma, pois em reação a este estado anormal do meio ambiente, o pensamento do indivíduo começa a controlar e organizar os cuidados a serem dispensados ao psique-soma, ao passo que na saúde esta é uma função do meio ambiente. Quando há saúde, a mente não usurpa a função do meio ambiente, tornando possível, porém, a compreensão e, eventualmente, a utilização de seu fracasso relativo”.

O resultado mais comum, conseqüência de um grau pequeno de cuidado materno torturante nos estágios iniciais da vida infantil, é o de que o funcionamento mental torna-se uma coisa em si, praticamente substituindo a mãe e fazendo-a desnecessária.

Segundo Winnicott, isto conduz a um padrão distorcido, em termos de desenvolvimento, o qual pode se manifestar em uma tendência a se identificar, nas relações ambientais, com aquele que cuida e a uma dificuldade na identificação com aquele que depende.

Winnicott observa que a mente-psique, em geral, é localizada como estando em relação com a cabeça: é colocada dentro ou fora da cabeça, mas em alguma relação especial com ela. Isto pode ser uma importante fonte da dor de cabeça como sintoma.

Voltando à entrevista apresentada, pensamos que Lea tem uma relação de conflito com o prazer, que se insinua através da sua sexualidade. O prazer não está ausente, como demonstra nos dias relacionados ao período menstrual, é forte e selvagem, mas depois está cheia de dores. A intensidade da irritação (excitação) está no vermelho do sangue menstrual, enquanto que a dor de cabeça lhe devolve a palidez, cor do controle perdido no momento anterior. No sintoma re(a)presenta uma forma canhestra de autoproteção.

Trabalho apresentado no I Congresso Internacional A Representação da Imagem Feminina, realizado no Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, em 29/09/01

Suzana Alves Viana - suzanaaviana@terra.com.br - tel. Cons. 3845-5586